

O PROFESSOR E AS IMAGENS MIDIÁTICAS - CONTEXTOS DE VISUALIDADES E QUESTÕES PARA A EDUCAÇÃO

Eixo 04 - Educação, pesquisa e práticas de formação na cibercultura.

Rosa Maria Alves da Silva Andrade

RESUMO

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado sobre o docente e sua relação com as imagens midiáticas, no qual eu proponho lançar um novo olhar em direção ao professor sobre o que ele vem produzindo e compartilhando nas redes, que sentido é dado a esses usos, de que forma ele lida com essas visualidades contemporâneas e como ele percebe o diálogo que tem ou não com as tecnologias e o seu fazer na escola. Refletir sobre isso implica em pensar tais sujeitos como produtores da cultura e do conhecimento, buscando perceber como o seu protagonismo concorre com as demandas do mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia. Docentes. Produção de conhecimento. Visualidades.

ABSTRACT

This work is part of a master's research on the teacher and his relation with the media images, in which I propose a look at the teacher, what he has been producing and sharing in the networks, what meanings give these uses, in what way he deals with these contemporary visuals and whether or not he perceives them with his doing at school. Reflecting on this implies thinking about these subjects as producers of culture and knowledge and how their protagonisms compete for the demands of the contemporary world.

KEYWORDS: Technology. Teachers. Production of knowledge. Visualities.

1 Introdução

A relação homem-máquina torna-se uma relação fundada em outros parâmetros, não mais de dependência ou subordinação, mas uma relação que implica o aprendizado de significados e significantes inerentes a cada um, e também o imbricamento desses elementos (PRETTO; PINTO, 2006, p. 22).

“– Qual a senha do wi-fi?” Uma pergunta que ouvimos diariamente em diversos espaços e que possivelmente vem carregada de significados. Qual seria a importância de estar on-line? O que significa estar on-line no mundo contemporâneo?

Analisando o espaço escolar em especial, vimos que estamos diante de uma demanda, ou seja, uma nova dinâmica que envolve alunos, professores e, se não for muito exagero, toda a comunidade escolar: é preciso estar visível e conectado! Nesse ambiente, muitas vezes percebemos que há uma preocupação com o uso da rede e dos dispositivos tecnológicos, porém é comum que o uso destes – pela escola – não seja compatível com a maneira que os sujeitos desse espaço – aluno e professor – os utilizam cotidianamente. Visivelmente, os professores usam e recorrem a esses diversos tipos de tecnologia como um atrativo para as aulas; como uma forma reparadora; e/ou apenas como recursos e ferramentas de apoio ao processo de ensino-aprendizagem. A aplicabilidade dada muitas vezes é pedagógica e não dialoga com a forma que os alunos e os professores utilizam tais dispositivos em seu cotidiano. É como se houvesse a escolarização de um saber, verticalizando-o, tirando-lhe o sentido real, algo que, muitas vezes, acaba sendo um entrave à própria construção de sentidos e à possibilidade de um protagonismo que esse saber permite. O que esses sujeitos produzem e compartilham? Quais as implicações que surgem com as demandas contemporâneas?

Como professora dos primeiros anos do Ensino Fundamental, em duas redes municipais do Rio de Janeiro, sempre presenciei um relativo uso dos dispositivos tecnológicos nestas escolas, além de discussões em torno deles. De um lado, estavam os entusiastas quanto ao uso deles no ambiente escolar; e do outro, os que apresentavam certa resistência em fazer uso desses dispositivos frente a uma dificuldade recorrente e muitas vezes real em relação à sua disponibilidade (normalmente, há somente um data show para a escola toda), ausência de internet, materiais arcaicos ou avariados, etc.

Durante o ano de 2015, tive a oportunidade de atuar no laboratório de informática da escola em que trabalhava, pertencente à rede municipal de Duque de Caxias, e pude acompanhar mais de perto a relação dos alunos e professores com alguns dispositivos tecnológicos, pois eles eram, em sua grande maioria, usuários em potencial. De um lado, os alunos; e do outro, os professores: usuários e protagonistas que “surfavam” nas mais diversas redes.

Nas primeiras aulas, dentre as turmas que atendia semanalmente (Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental), já pude perceber o protagonismo desses alunos frente ao dispositivo reconhecido - no caso, o computador. A primeira percepção que tive foi acerca do domínio por parte deles em relação à rede, habilidades e performances com a ferramenta tecnológica. Nesse mesmo contexto, debrucei meu olhar sobre o professor, e vale destacar que se antes tínhamos um professor que mal acessava a rede e mantinha um certo distanciamento (computador ou celular), hoje, ele também está consumindo, produzindo e compartilhando conteúdo dentro desse universo. Com isso, eu observava que, de um lado, estava o aluno com seus saberes; enquanto que do outro, o professor. Não existindo, pois, soberania e hierarquia, mas sim habilidades desenvolvidas dentro de um contexto tecnológico, vistos enquanto usuários. Nessa perspectiva, segundo Pretto e Pinto (2006), fica clara a importância de se reconhecer a “organização horizontal em rede”, bem como as formas de processos colaborativos, que ratificam a existência de novos sujeitos, novos modos de ser/estar no mundo contemporâneo.

Partindo desse cenário, nasceu uma motivação para estudar o modo como os professores atualmente se relacionam com as visibilidades midiáticas. O que eles vêm produzindo e compartilhando nas redes, que sentidos dão a esses usos e como essas práticas, de certa forma, ampliam sua atuação na sociedade e no campo educacional.

Não podemos deixar de falar sobre os índices de exclusão, tampouco de pensar na desigualdade em relação às redes, pois seria muito ingênuo afirmar que existe democratização no acesso. Sabemos que algumas tecnologias ainda não estão ao alcance de todos, mas também não podemos invalidar as manobras realizadas por esses sujeitos em busca de ter esse acesso.

2 Produção de conhecimento na contemporaneidade

Estamos imersos no mundo digital, no qual é possível perceber novas configurações no que se refere às relações e às formas de comunicação. Refletir sobre isso implica pensar como os sujeitos atualmente são produtores de cultura e como seu protagonismo concorre com as demandas do mundo contemporâneo.

Checar as mensagens no celular várias vezes ao dia, entrar em redes sociais, postar fotos, curtir, comentar, estar on-line. São cenas corriqueiras que retratam os passos de muitos usuários das redes em diferentes espaços-tempos: casa, escola, hospital, shopping, praia, etc. Estamos, pois, diante de uma maior mobilidade possibilitada pelo celular e pela internet, visto que podemos “*logar*” de qualquer lugar.

Com o advento da internet, houve o surgimento de novos espaços pedagógicos e consequentemente de novas formas de aprendizagem. É certo que a cultura tecnológica atual vem provocando mudanças significativas nos modos de ser/estar no mundo e na produção de conhecimento. Por isso que é urgente lançar um novo olhar para o professor e para os alunos, pois eles geralmente são usuários e praticantes da cibercultura. O que nos leva as seguintes perguntas: Como eles se relacionam com esses diversos aparatos tecnológicos? Como lidam com as demandas da contemporaneidade e como certos protocolos escolares são incompatíveis com a lógica da rede? Como afirma Santos e Meneses (2010, p. 54), o desafio consiste em fazer “o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico”.

O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LEVY, 1999, p. 17).

Podemos perceber que as tecnologias permitem uma interculturalidade, pois a produção de conhecimentos se dá por meio de um entrecruzamento de saberes e culturas, tornando-a híbrida. Assim, tal produção ganha uma nova configuração. Fica evidente que no tempo da conectividade, a aprendizagem é construída de forma colaborativa, além disso, a produção de sentidos é gerada nesse coletivo. Nesse

contexto, vale destacar que a lógica escolar e sua dinâmica difere da lógica da rede, o que provoca uma alteração no cotidiano desse espaço. As tecnologias também trazem à tona uma nova redefinição do tempo e do espaço, sendo necessária uma nova leitura.

Para Lemos (2004, p. 16), “cria-se na era da conexão, um ambiente de acesso e troca de informações que envolve os usuários”. Fazendo uma retomada ao tecnicismo, podemos refletir sobre a importância das relações, e não dos meios. Há uma subversão da lógica hegemônica da ditadura, visto que novos espaços de saber vão surgindo e deixando a escola em uma posição desconfortável, principalmente com essas novas subjetividades, cujas ações são construídas colaborativamente, e cujos diversos saberes são articulados.

Entra em cena um novo sujeito – o professor – um produtor e consumidor de mídias tecnológicas até então desconhecido no campo escolar. Hoje, a escola precisa promover um entrelaçamento dessas interações, reconhecendo que não há soberania e unilateralidade na construção do conhecimento, algo que configura como uma urgência contemporânea; o que não nos parece uma tarefa fácil, devido à trajetória desses sujeitos até os dias atuais.

Cada vez menos, a comunicação está confinada a lugares fixos e os novos modos de telecomunicação têm produzido transmutações na estrutura de nossa concepção cotidiana de tempo, do espaço, dos modos de viver, aprender, agir, engajar-se, sentir, reviravoltas na nossa afetividade, sensualidade, nas crenças que acalentamos e nas emoções que nos assomam (SANTAELLA, 2007 p. 38).

Como compreender o cenário contemporâneo e o surgimento desses novos personagens? Pensar nesses sujeitos é pensar em uma perspectiva sócio-histórico-cultural. É pensar que as experiências vividas virtualmente, se não determinam, influenciam todo o modo de ser e estar no mundo. Como esses modos de ser e estar configuram novos corpos e novos comportamentos?

Podemos destacar uma demanda do mundo contemporâneo que é a questão da visibilidade. Estar conectado, on-line, no espaço virtual, garante um pertencimento a

determinados grupos. Muitas vezes esses grupos ditam o que produzir, curtir e compartilhar.

2.1 O professor e as imagens midiáticas

O tempo todo somos bombardeados com inúmeras imagens midiáticas que nos acompanham desde o momento que acordamos até a hora de dormir. São imagens em celulares, outdoors, revistas, jornais, etc. Além de receber essas imagens, muitos de nós, em contato com dispositivos móveis e redes de internet, também as produzimos em larga escala. Nossa condição não é a de apenas receptores dessas imagens. Muitas vezes também somos produtores e curadores, uma vez que selecionamos, armazenamos e publicamos (ou não) essas imagens. Para falar sobre a dimensão das imagens nas redes sociais e como elas são produzidas, selecionadas e publicadas por esse sujeito de pesquisa – o professor – recorreremos aos Estudos de Cultura Visual.

Os processos que constroem as visualidades que se manifestam como práticas de cultura visual resultam de aprendizados durante o curso de nossa vida social. Portanto, pensar o contexto histórico e local no qual estamos inseridos como parte de um universo cultural torna-se indispensável para qualquer análise que almeje aprofundar-se na compreensão de experiências visuais (SERVIO, 2014, p. 199).

Servio (2014) fala sobre a importância de levar em consideração todo o contexto histórico e também toda a bagagem e trajetória cultural de um indivíduo em determinada época. Quais são as imagens que visualizamos? Por que as visualizamos? Quais passam despercebidas ou totalmente invisibilizadas?

É certo que nem todas as imagens são “vistas” e reparadas, pois geralmente são imagens cotidianas, corriqueiras, por exemplo, as placas que dizem “*Sorria, você está sendo filmado*” ou os desenhos que sinalizam os assentos preferenciais em transportes públicos. Algo que Servio (2014) vai chamar de *percepção seletiva*.

A percepção seletiva é construída de maneira tácita, a partir de rotinas, de preferências, e de práticas de olhar que se estruturam e ganham organicidade sem que nos demãos conta. Ela se desenvolve de maneira inconsciente, influenciada por práticas culturais, por

estímulos externos e/ou internos sobre os quais não temos controle. (SERVIO, 2014. p.199)

Que práticas são essas que poderiam ser pensadas no campo midiático? Como somos impulsionados a ver algo e a muitas vezes replicá-lo? O que nos leva a produzir? As imagens que compartilhamos, sejam elas selecionadas, sejam elas produzidas, refletem algo? Por que algumas imagens ficam somente armazenadas para uso e visualidade nossa, mas não são compartilhadas?

Sérvio (2014) fala sobre a visualidade e a relação dela com a experiência de cada ser, ou seja, ela não é igual para todos e não pode ser entendida como um processo natural; sua leitura e interpretação está ligada ao contexto histórico-cultural no qual o indivíduo está inserido.

3 O professor e as redes – levantando possibilidades para a pesquisa

O que os professores vêm produzindo, editando e compartilhando nas redes? De que forma essas ações interferem no seu modo de ser/estar no mundo contemporâneo e na sua prática docente? Para Pretto e Pinto (2006, p.22) “essas tecnologias antes entendidas como meras extensões dos sentidos dos homens, hoje são compreendidas como algo mais profundo, que interfere com o próprio sentido da existência humana”. É possível reconhecer que a sociedade já está organizada tendo as tecnologias como forma estruturante de organização. Por isso, o desafio de pensar a relação de todos nós e, mais especificamente, no caso dessa pesquisa, dos professores com tais tecnologias.

Em um momento inicial da pesquisa, fiz um contato com os estudantes de Pedagogia da UNIRIO, em um encontro realizado em 2017.2 (com a turma de Imagem e Educação- Vespertino), por meio de um questionário, o que possibilitou conversarmos a respeito da relação deles com as redes e aplicativos (em uma proposta piloto). Nessa conversa, já pude perceber que a maioria dos jovens estudantes exercia um protagonismo significativo no que se referia ao uso dos dispositivos midiáticos. Também percebi que havia ali uma demanda para a pesquisa. Assim, a partir dos formandos em Pedagogia, comecei a acompanhar uma turma de Imagem e Educação junto à professora Adriana Hoffman. E no semestre de 2018.1, passei a direcionar o

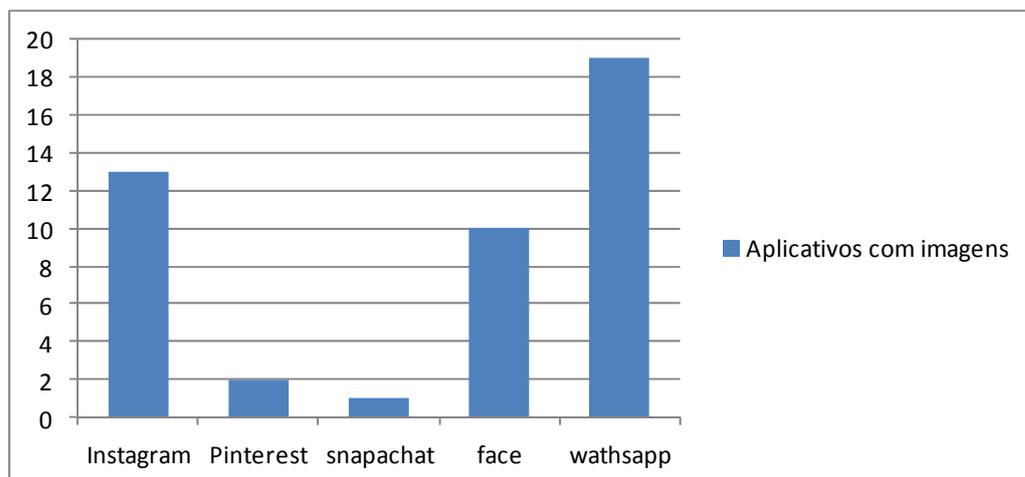
meu olhar para os estudantes de Pedagogia – entendendo que se tratavam de professores em formação e que muitos deles eram usuários em potencial desses aparatos tecnológicos. Dentro desse grupo de alunos inscritos na disciplina Imagem e Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), ofertada no horário vespertino, fiz uma sondagem sobre a atuação deles na área da educação e realizei um questionário inicial para perceber quais os tipos de uso eram feitos por eles nas redes.

O segundo questionário, respondido por 26 alunos da turma, teve o objetivo inicial de levantar quais os usos cotidianos feitos por eles nas mídias em geral. Trago a seguir as perguntas feita no questionário:

- 1- Você faz uso de aplicativos com imagens? Quais? O que gosta ou não deles? Como os escolhe?
- 2- Qual é o uso que você faz do aplicativo Whatsapp? Com que frequência você o utiliza e em quais situações? Essa dinâmica modifica algo em seu cotidiano?
- 3- Você costuma usar imagens para contar situações nos espaços da internet? Posta imagens, fotos e vídeos em redes sociais? O que essa prática revela sobre a dimensão cultural/social em que você vive?
- 4- Cite todas as redes sociais e espaços on-line dos quais você participa. Quais você prefere e por quê?
- 5- Você acha que ganhou ou perdeu algo com as mídias sociais e aplicativos? O quê?
- 6- Como você percebe as suas relações sociais e culturais nas/com as diferentes telas? Como você percebe seu cotidiano com as telas? Já refletiu sobre isso?

Em relação ao modo como escolhem os aplicativos que desejam utilizar, as repostas foram: possibilidade de comunicação, entretenimento, utilidade, influência necessidade, vantagem para o dia a dia, importância, praticidade e popularidade.

Figura 1: Aplicativos que permitem o compartilhamento de imagens, aos quais eles utilizam.



Fonte: Elaborada pela autora

Nesse gráfico, é possível ver a predominância do uso do **Whatsapp**, um aplicativo de mensagens instantâneas criado em 2009 que possibilita a troca de mensagens, chamadas de voz, compartilhamento de vídeos, fotos e links. Em segundo lugar, como um dos mais utilizados, aparece o **Instagram**, criado em 2010, e que consiste em uma rede social que permite o compartilhamento de fotos e vídeos. E em terceiro lugar, aparece o **Facebook**, uma rede social criada em 2004 que permite o compartilhamento de fotos, vídeos, links e troca de mensagens.

Destaquei algumas falas dos estudantes em relação ao uso do Whatsapp:

“Uso praticamente o dia todo. Poder me comunicar com amigos é essencial para mim. Quando estou sem ele me sinto desinformada.” (T. 23 anos).

“Como é o meio de comunicação mais rápido e prático, o não uso dele me faz sentir à margem, à deriva.” (G. 23 anos).

“Uso para me comunicar em geral (...) Uso todos os dias, do acordar ao dormir. Situações diversas: amenidades, resolver trabalhos acadêmicos, conversar e fazer chamadas de vídeos. Acho que facilita o cotidiano.” (T. 24 anos).

Podemos ver que as causas referentes ao uso de tal aplicativo por esses estudantes vai desde a urgência até a comunicação com o outro, além da criação de grupos afins, da necessidade de fazer pesquisas sobre determinado assunto e do desejo de se expressar e de se divertir, já que o aplicativo também é utilizado como entretenimento.

Sobre perdas e ganhos destaquei as seguintes falas:

“Acho que ganhamos em bagagem cultural/política, e acesso a informações em vários tipos de necessidades.” (G. 23 anos).

“Ganhamos tempo. A comunicação ficou mais rápida e prática (...). Porém, às vezes, faço um “detox” de internet por algumas horas durante alguns dias para reaprender a dividir meu tempo.” (L. 23 anos).

Junto às possibilidades que os aplicativos oferecem, os estudantes destacam o **tempo** como um fator complicador, uma vez que ele é visto como algo que traz perdas e ganhos.

A possibilidade de se comunicar com rapidez e fluidez é nítida em todas as falas. Porém a questão do tempo, ou melhor, de “perder tempo” com esses dispositivos, também é recorrente nesses discursos. Isso nos remete ao 24/7, no qual Crary (2016, p. 43) diz que “com uma oferta infinita e perpetuamente disponível de solicitações e atrações, o 24/7 incapacita a visão, por meio de processos de homogeneização, redundância e aceleração.”

Lançar um olhar para as relações sociais e culturais nas/com as diferentes telas é uma possibilidade de reconhecer como a lógica da rede vem modificando as formas de ser/estar no mundo. Vejamos a fala abaixo:

“As mídias fazem parte do meu dia a dia. Estou envolvido socialmente e culturalmente de forma profunda com as telas. E acredito que isso seja cada vez mais comum com toda população.” (E. 21 anos).

Considerações Finais

Esse material permitiu que eu fizesse “uma leitura cuidadosa” do que esses estudantes de Pedagogia vêm consumindo e produzindo na rede. Ele não se esgota em si, pois trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento. Portanto, a partir dele, outros questionamentos podem aparecer junto à possibilidade de tecer diálogos e acompanhar esses sujeitos nas diversas redes que protagonizam. Refletir sobre os processos de formação em diferentes espaços e tempos potencializa a dinâmica escolar.

Diante das exigências tecnológicas em transformação permanente, jamais chegará um momento em que nós finalmente as “alcançaremos”, seja enquanto sociedade ou enquanto indivíduo (CRARY, 2016, p. 46).

Pensando na escola e em toda lógica que a envolve, é importante lançar um novo olhar para o professor e para a sua relação dialógica com os dispositivos midiáticos no contexto escolar. Buscando reconhecer como ele lida com o acesso e com a velocidade de informações e produções, além de descobrir como essas produções são vistas e encaradas a partir de uma demanda capitalista. Para Lipovestsky e Serroy (2011, p. 77), “a economia, a sociedade, a cultura, a vida cotidiana, todas as esferas são remodeladas pelas novas tecnologias”. Quais implicações isso teria no campo escolar?

Reconhecer que o saber é tecido em redes e que não há receptores e sujeitos passivos, mas sim sujeitos que interagem e produzem cotidianamente em uma rede

interativa é um salto para a elaboração de um currículo que contemple a escola e deixe de lado o modelo tradicional de transmissão de conhecimento, indo ao encontro de um reconhecimento das demandas da cibercultura e levando em conta as suas implicações dentro do contexto escolar.

REFERÊNCIAS

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

LE MOS, André. **Cibercultura e Mobilidade**. A Era da Conexão. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- UERJ- 5 a 9 de setembro de 2005.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVESTSKY, Gilles; SERROY, Jean. **O mundo como imagem e como comunicação**. In: **A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PRETTO, Nelson; PINTO, Cláudio da Costa. **Tecnologias e novas educações**. Revista Brasileira de Educação, 2006, v. 11, n. 31, p. 19-30. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782006000100003>>. Acesso em: 08 jun.2018.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SERVIO, Pablo Petit Passos. **O que estudam os estudos da cultura visual**. Revista digital do LAV- Santa Maria, 2014, v. 7, n. 2, p. 196-215, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/1983734810611>>. Acesso em: 08 jun.2018.